

A institucionalização da sociologia em Portugal e um dos seus protagonistas no Porto

Fernando Luís Machado

ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa
CIES-ISCTE

Artigo recebido a 28/05/2025.

Aceite para publicação a 05/06/2025.

O estado de institucionalização avançada atingido pelo campo sociológico em Portugal, tomado nas suas diferentes dimensões de ensino, investigação, publicação, associação e internacionalização (Machado, 2020), resulta da conjugação no tempo de um conjunto de fatores possibilitadores, que se constituíram depois da revolução democrática de abril de 1974, e do trabalho individual dos sociólogos que, nas universidades e noutros contextos, agiram diretamente para construir as bases desse campo, nas várias dimensões referidas, em face das possibilidades que se lhes ofereciam.

Nesse jogo, aqui virtuoso, entre estrutura de possibilidades e ação, entre agência individual e institucionalização, em que todos os envolvidos têm um papel, se acreditarmos que a atividade científica é um processo coletivo, não deixam de ter um protagonismo maior aqueles que, tendo feito parte das primeiras gerações de licenciados em sociologia do país, e sendo portadores das classificações e disposições necessárias para o efeito, logo entraram na vida académica, nas várias universidades onde a disciplina se foi estabelecendo, e aí contribuíram para esse estabelecimento. Antes deles estão apenas os poucos que, antes de abril de 1974, num contexto em que estrutura significava, pelo contrário, mais constrangimento do que oportunidade, conseguiram, ainda assim, dar primeiros passos fundadores, nomeadamente o grupo

reunido no Gabinete de Investigações Sociais em Lisboa, por iniciativa e sob a orientação de Adérito Sedas Nunes (Nunes, 1988). Pelo protagonismo maior desses poucos fundadores e dos elementos das primeiras gerações de licenciados que eles ajudaram a formar, podemos chamar-lhes *sociólogos da institucionalização*. É o caso de Carlos Manuel Gonçalves, que, depois de concluir a licenciatura no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa logo em 1980 – a sua primeira escolha era economia, mas, no contexto social e político do imediato pós-25 de abril e tendo sabido da existência do curso do ISCTE, essa opção mudou – veio a fazer parte, poucos anos depois, do grupo que deu início ao curso de sociologia da Universidade do Porto, integrado na respetiva Faculdade de Letras¹.

Nas páginas que se seguem, tento o exercício sociológico que consiste em reconstituir o processo de institucionalização da sociologia no Porto, enquanto componente maior da institucionalização da disciplina a nível nacional, e mostrar como esse processo é indissociável da ação de protagonistas individuais como Carlos Manuel Gonçalves, entre outros (Machado, 2023). Mais do que um mero testemunho pessoal, este exercício de reconhecer rostos nas instituições é uma tentativa de objetivar o campo, o ator e o ator no campo, para o que me socorri de uma matriz, apresentada abaixo (Tabela 1), que cruza linhas referentes a fases da institucionalização da sociologia em Portugal, tal como as defini anteriormente (Machado, 2020), e três colunas, uma relativa ao processo de institucionalização da disciplina a nível nacional, outra relativa ao lugar do Porto e da Universidade do Porto nesse processo e a terceira referente ao trajeto académico e profissional de Carlos Manuel Gonçalves. Tal como na maioria dos sociólogos académicos das duas primeiras gerações, encontramos no caso de Carlos Manuel Gonçalves sincronia entre as fases de institucionalização da disciplina nos seus vários

¹ Agradeço a Natália Azevedo e Cristina Parente não só o convite para escrever este texto, como as informações sobre o trajeto e currículo de Carlos Manuel Gonçalves que me disponibilizaram, sem as quais ele não teria sido possível. Muito útil também foi a escuta da entrevista dada pelo próprio, em 2020, aos responsáveis do projeto “História Audiovisual das Ciências Sociais nos países da CPLP”, da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas e do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (Gonçalves, 2020). Para informação institucional sobre a génese e percurso da sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, socorri-me dos textos de Dias (2006) e Lopes (2006).

desdobramentos pelo país e as etapas do respetivo percurso profissional, seja na sucessão das categorias de carreira, no desempenho de cargos de direção académica e científica ou na abordagem de novos domínios de investigação. Foi esta a forma que escolhi para me associar à homenagem que a *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, oportuna e justamente, decidiu fazer a um colega de geração.

A institucionalização da sociologia na Universidade do Porto, na Faculdade de Letras, tem um primeiro momento-chave em 1985, com a criação da licenciatura em Sociologia, com lugar para 25 alunos. Estamos ainda numa fase de institucionalização inicial da disciplina a nível nacional e esta licenciatura, juntamente com as da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, da Universidade de Évora, em 1979, e do ISCTE, em 1974, dão um impulso fundamental a esse processo. Carlos Manuel Gonçalves fez parte do grupo de docentes do curso logo no ano seguinte, em 1986, e nessa medida foi protagonista e ajudou a formar novos sociólogos académicos, visto que, dos primeiros conjuntos de graduados desse curso, saíram alguns futuros colegas, que reforçaram e qualificaram o respetivo corpo docente. Porque socialmente nada nasce no vazio, importa assinalar como se formaram as condições favoráveis à génese da licenciatura portuguesa. Por um lado, Portugal, que chegara a 1974 num estado de profundo atraso nesse e em muitos outros campos, vivia nesses anos de 1980 uma rápida expansão do ensino superior universitário e politécnico, com aumento da oferta de formação em todas as áreas e por todo o país. Esse movimento de expansão foi inclusivo, no que respeita às áreas e domínios científicos abrangidos, e a sociologia, como campo de conhecimento autónomo, fez parte dele. A licenciatura na Universidade do Porto insere-se, portanto, num movimento mais amplo de oferta pública de ensino superior, que cresce rapidamente em todo o território nacional, embora sem ser suficiente para a procura acumulada num país tão largamente subqualificado. Por outro lado, estavam constituídos protagonistas, no contexto particular da Universidade do Porto, tal como noutros contextos universitários, para aproveitarem essa conjuntura favorável de expansão do ensino superior.

E quem eram? Para encontrarmos o primeiro é preciso ir mais atrás, a 1972, ano em que obtém o seu grau, em Roma, um dos primeiros portugueses doutorados em sociologia, António Teixeira Fernandes, que é quem vai tomar a iniciativa de propor a criação da licenciatura no Porto. O reconhecimento da sua qualificação e capacidade para o efeito e o facto de já ser, na altura, professor na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), dão-lhe as condições para que a iniciativa seja bem-sucedida e é ele que reúne e dirige o pequeno grupo de docentes de que Carlos Manuel Gonçalves fará parte. E é também nos anos de 1970 que encontramos o segundo protagonista, José Madureira Pinto, outro portuense fundador da sociologia portuguesa, que, logo a seguir a abril de 1974, será convidado para fazer parte do grupo de docentes de ciências sociais na Faculdade de Economia da Universidade do Porto, tendo mantido durante algum tempo a ligação ao Gabinete de Investigações Sociais, em Lisboa, onde entrara em 1971, a convite de Adérito Sedas Nunes. Nos anos subsequentes, José Madureira Pinto protagonizará dois momentos importantes para a institucionalização da sociologia a nível nacional: é o primeiro a concluir e defender um doutoramento em sociologia na universidade portuguesa, no ISCTE, em 1983, e funda, em 1984, em colaboração com as Edições Afrontamento, a revista *Cadernos de Ciências Sociais*, numa altura em que os canais de publicação de estudos neste domínio de conhecimento eram escassos. Quando Carlos Manuel Gonçalves conclui a sua licenciatura de cinco anos, em 1980, o que lhe permitirá, uns anos mais tarde, vir a ser contratado como assistente estagiário para lecionar no curso acabado de criar na FLUP, há, portanto, um primeiro conjunto de desenvolvimentos institucionais e de avanços individuais obra de outros protagonistas, com quem Carlos Manuel Gonçalves trabalhará. A relação com António Teixeira Fernandes será mais longa e profunda, mas Carlos Manuel Gonçalves será também colega de José Madureira Pinto, que ensinou na licenciatura da FLUP nos anos iniciais do curso, além de que virão ambos a fazer parte do Instituto de Sociologia, unidade de investigação constituída na FLUP em 1989. Aliás, como veremos, os dois já se tinham cruzado antes noutra instituição de ensino superior da cidade.

Se há, portanto, desenvolvimentos portuenses endógenos que contribuíram substantivamente para a institucionalização da sociologia a nível nacional, seja a ação de António Teixeira Fernandes, seja a formação de um grupo de ciências sociais na Faculdade de Economia da Universidade do Porto dirigido por Armando de Castro para o qual José Madureira Pinto entrou, seja ainda, antes disso, a fundação, em 1963, das Edições Afrontamento, que, desde a revolução democrática de 1974, vêm publicando, com notável regularidade, estudos de sociólogos de todo o país, não pode deixar de se notar, por outro lado, o papel decisivo desempenhado por uma instituição lisboeta, o ISCTE, hoje Instituto Universitário de Lisboa, na institucionalização da sociologia no Porto, bem como nas restantes regiões do país em que a disciplina se afirmou. É o ISCTE que outorga o primeiro doutoramento em sociologia em Portugal, a José Madureira Pinto, e é nele que se licencia Carlos Manuel Gonçalves. A centralidade desta instituição decorre não só da sua antiguidade no campo – foi aí que nasceu a primeira licenciatura em sociologia numa instituição pública, logo em 1974, que desde cedo atraiu muitos estudantes –, como decorre também de ter sido o lugar do campo onde Adérito Sedas Nunes e os seus discípulos do GIS investiram fortemente no ensino da disciplina, o que lhe conferiu um importante capital científico inicial. Adérito Sedas Nunes, que tinha convidado José Madureira Pinto para o GIS em 1971, virá também, de resto, a ser professor de Carlos Manuel Gonçalves.

Se o recrutamento de novos elementos para os corpos docentes das instituições universitárias pode padecer de endogamia, o que alguns muito lamentam, a licenciatura feita no ISCTE significa também que, como em todos os corpos docentes iniciais de cursos oferecidos pela primeira vez, o recrutamento de Carlos Manuel Gonçalves para ensinar sociologia na Universidade do Porto foi, por definição, estritamente exogâmico. A externalidade não fica por aqui, de resto. O seu curso de mestrado e respetiva dissertação, então com a duração de quatro anos, serão concluídos, em 1990, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, uma das primeiras instituições a oferecer esse nível de pós-graduação. Mais do que isso, antes de concorrer para o lugar aberto na FLUP, Carlos Manuel Gonçalves tinha estado alguns

anos a ensinar sociologia, a tempo parcial, no Instituto Superior de Serviço Social do Porto, e foi lá que se cruzou pela primeira vez com José Madureira Pinto, que, nesses anos, também aí deu aulas.

É na dissertação de mestrado realizada na Universidade Nova de Lisboa, com a orientação de David Justino, um dos pioneiros da sociologia naquela universidade, que Carlos Manuel Gonçalves faz a primeira incursão no estudo dos quadros enquanto conjunto de profissões qualificadas, de que há de escolher os economistas, e a sua génese e consolidação em Portugal, para tema da futura tese de doutoramento². Não deixa de ressoar na escolha do tema da dissertação de mestrado, e da futura tese de doutoramento, a preterida opção inicial por uma licenciatura em economia, bem como o interesse que o próprio sempre teve pelas questões do trabalho, a que, por sua vez, não será estranha, acrescentaria a circunstância de, ainda adolescente, ter começado a trabalhar no setor administrativo de uma grande empresa industrial, trabalho que manteve enquanto fazia a licenciatura. Já a tese de licenciatura realizada no ISCTE tinha andado à volta dos temas do trabalho, no caso, as comissões de trabalhadores e respetiva ação. Quando, em 1991, sai o número inaugural da revista *Sociologia*, publicada pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a direção de António Teixeira Fernandes, revista que dá aos sociólogos da FLUP um canal próprio para divulgarem a investigação que estavam a fazer, não é por acaso que nele aparece, sob a forma de artigo, uma versão reduzida da dissertação de mestrado de Carlos Manuel Gonçalves.

A conclusão do mestrado permite ao nosso sociólogo chegar ao segundo patamar da carreira académica, o lugar de assistente. Na altura, era possível começar uma carreira académica apenas com o grau de licenciado, caso em que se ocuparia o posto de assistente estagiário, que já incluía responsabilidades de lecionação, o que fazia com que os jovens professores tivessem diante de si estudantes pouco mais novos do que eles ou até, nos cursos pós-laborais, estudantes mais velhos ou muito mais velhos. Até certa

² Carlos Manuel Gonçalves (1990), *Construção Social dos Quadros: uma Proposta para a sua Análise* (tese de mestrado), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

altura, foram estes docentes, apenas licenciados, na categoria de assistentes estagiários, ou já na posição de assistentes, caso tivessem, entretanto, feito um mestrado, ou tivessem requerido e tido aprovação nas então existentes Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, foram esses docentes, dizia, que, sob a supervisão geral dos poucos doutorados dos corpos docentes de então, ajudaram a formar novas gerações de licenciados, alguns dos quais, por sua vez, viriam também a ingressar na carreira académica nas diferentes instituições de ensino superior do país. Só mais tarde a lei passaria a determinar que a entrada na carreira requeria o grau de doutor.

Tabela 1 - A institucionalização da sociologia em Portugal e o percurso académico e profissional de Carlos Manuel Gonçalves.

Fases de institucionalização da sociologia	Institucionalização a nível nacional	O Porto na institucionalização a nível nacional	Percurso académico e profissional de Carlos Gonçalves
Primeiros passos (1962-1974)	<ul style="list-style-type: none"> ● Gabinete de Investigações Sociais, Lisboa, 1962; ● Licenciatura em Sociologia, Évora, 1964. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Doutoramento de António Teixeira Fernandes, Roma, 1972. 	Ensino secundário, Lisboa, 1974.
Institucionalização inicial (1974-1985)	<ul style="list-style-type: none"> ● Licenciatura em Sociologia, ISCTE, 1974; ● Centro de Estudos Sociais, U. Coimbra, 1978; ● Primeiros mestrados em sociologia, 1983 (UNL, ISCSP); ● Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, ISCTE, 1985; ● Associação Portuguesa de Sociologia, 1985. 	<ul style="list-style-type: none"> ● José Madureira Pinto passa a ensinar ciências sociais na Faculdade de Economia da Universidade do Porto, 1974; ● Doutoramento de José Madureira Pinto, ISCTE, 1983; ● Cadernos de Ciências Sociais, 1984; ● Licenciatura em Sociologia na FLUP, 1985. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Licenciatura em sociologia no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, 1980; ● Docente no Instituto Superior de Serviço Social do Porto, 1981-1985.
Consolidação institucional (1986-1999)	<ul style="list-style-type: none"> ● Criação de licenciaturas e mestrados em sociologia em todo o país; ● Primeiros doutorados em sociologia em várias universidades do país; ● Formação de unidades de investigação em todas as universidades com ensino de sociologia; 	<ul style="list-style-type: none"> ● Instituto de Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1989; ● <i>Sociologia</i>, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1991; 	<ul style="list-style-type: none"> ● Assistente estagiário, FLUP, 1986; ● Mestrado em Sociologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1990; ● Assistente, FLUP, 1990; ● Doutoramento em Sociologia, FLUP, 1998;

	<ul style="list-style-type: none"> ● Novas revistas, generalistas e especializadas. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Mestrado em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Professor Auxiliar, FLUP, 1998.
Institucionalização avançada (desde 2000)	<ul style="list-style-type: none"> ● Primeiros programas de doutoramento (ICS, 2000; ISCTE, 2003; CES, 2004); ● Primeiros Laboratórios Associados em ciências sociais (ICS e CES, 2002); ● Multiplicação dos observatórios da vida social, sobre diferentes temas, ligados a centros de investigação em sociologia; ● Nº 200 da revista <i>Análise Social</i>, 2011; ● Generalização da participação em projetos internacionais e da publicação em revistas de circulação internacional. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Departamento de Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002 (antes Secção Autónoma); ● Instituto de Sociologia integra a rede de unidades de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002; ● Ciclo de Estudos de Doutoramento em Sociologia, FLUP, 2007; ● Revista <i>Cadernos IS-UP</i>, 2021. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Diretor do Departamento de Sociologia da FLUP, 2002-2004; ● Professor Associado, FLUP, 2003; ● Provas de Agregação, FLUP, 2007; ● Diretor do mestrado em Sociologia, FLUP, 2007-2013; ● Coordenador do Grupo de Investigação “Trabalho, emprego, profissões, organizações”, Instituto de Sociologia, 2010-2012, 2015-2016; ● Professor Catedrático, FLUP, 2011; ● Diretor da revista <i>Sociologia</i>, 2013-2022; ● Diretor do doutoramento em Sociologia, FLUP, 2014-2023.

Oito anos depois, em 1998, numa fase de plena consolidação institucional da sociologia portuguesa, Carlos Manuel Gonçalves irá apresentar e defender com sucesso a sua tese de doutoramento, intitulada *Emergência e Consolidação dos Economistas em Portugal*, orientada por António Teixeira Fernandes. A tese será apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), que, entretanto, passara a poder atribuir o grau de doutor em sociologia – o que em si mesmo representou consolidação e descentralização da disciplina relativamente à capital do país. Depois de António Teixeira Fernandes, Carlos Manuel Gonçalves torna-se, assim, o segundo doutorado em sociologia do grupo inicial de docentes do curso da FLUP. Os temas das teses de doutoramento, dada a importância académica das mesmas e a profundidade do trabalho científico a elas associado, são, em especial na fase da construção de um campo disciplinar, elementos estruturantes da agenda de investigação nesse campo. Isso aconteceu com várias teses de sociólogos da primeira e segunda geração em Portugal e também com a de Carlos Manuel Gonçalves, visto que, no seu caso, a tese foi a segunda a dedicar-se especificamente a uma nova temática, a sociologia das profissões, tendo, depois disso, muita outra pesquisa sido feita, incluindo novas teses de doutoramento, sobre outros e muito variados grupos profissionais³. Por outro lado, esta escolha corresponde a um padrão mais geral, que abrange vários membros da primeira geração pós-fundadores, padrão que se deteta quando se olha para o campo sociológico no seu conjunto e não apenas para casos individuais, que consiste em explorar novas problemáticas e objetos – que não são difíceis de encontrar dado muito estar por fazer – e, ao mesmo tempo, e por isso mesmo, acumular capital científico diferenciado.

A tese (Gonçalves, 1998) integra-se numa especialidade sociológica, a sociologia do trabalho, organizações e profissões, que, no caso português, é de longe a mais pesquisada (Machado, 2022), e que, por isso, muito contribuiu para a afirmação científica da sociologia em Portugal. Pode dizer-se, portanto, que a tese de doutoramento de Carlos Manuel Gonçalves, e já antes dela, a dissertação de mestrado, tendo sido precursoras, foram elas próprias importantes para

³ A primeira tese de doutoramento especificamente dedicada a um grupo profissional qualificado, como é tradição na sociologia das profissões, foi concluída por Maria de Lurdes Rodrigues, em 1996, no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, com o título “Os Engenheiros na Sociedade Portuguesa. Profissionalização e Protagonismo”.

o singular desenvolvimento dessa especialidade. Não é, pois, uma mera coincidência que o Instituto de Sociologia da FLUP se tenha tornado um dos pólos no país onde mais investigação tem sido feita nessa área em Portugal. Com mais de 800 páginas, 750 sem anexos, dentro do padrão de tamanho característico das teses de doutoramento dos sociólogos da institucionalização – também assim se constitui um campo disciplinar –, a tese de Carlos Manuel Gonçalves está estruturada em duas partes e nove capítulos, que, depois de uma extensa revisão de literatura sobre sociologia das profissões, reconstituem a génese e consolidação da profissão de economista em Portugal, remontando aos anos de 1930 quando a designação ainda não existia enquanto tal; examinam as instituições e processos de formação e certificação destes profissionais e as suas modalidades de integração no mercado de trabalho ao longo do período em análise; e debruçam-se sobre os processos de regulação e organização coletiva destes profissionais. Embora, dada a natureza deste texto, mais centrado no protagonista e seus contextos, não se justifique a análise da sua produção científica, é de dizer, em todo o caso, que, depois da tese, Carlos Manuel Gonçalves continuou a fazer investigação no domínio do trabalho, organizações e profissões, com destaque para os estudos dedicados à formação, empregabilidade, precariedade e vivências profissionais dos jovens, diplomados universitários e outros, mas também sobre desemprego e, recentemente, sobre o grupo profissional dos polícias.

Já doutorado, e tendo passado à categoria de professor auxiliar, e sendo o primeiro sociólogo a concluir tese na Universidade do Porto, Carlos Gonçalves irá, necessariamente, ser chamado a desempenhar cargos de direção académica e científica. A sincronia entre a institucionalização da sociologia no âmbito da FLUP e o trajeto académico e profissional de Carlos Manuel Gonçalves é bem visível quando reconstituímos as circunstâncias em que vem a exercer o cargo de diretor do Departamento de Sociologia daquela Faculdade. Dado que se tratava de um grupo pequeno e emergente de docentes, numa licenciatura recém-criada, os sociólogos começaram por se organizar numa Secção Autónoma, um estatuto abaixo do departamental. Só em 2002, justamente após o doutoramento de Carlos Gonçalves, e depois dos de José Azevedo, outro membro do grupo fundador, que se doutorara em Psicologia, fora do país, em 1995, e João Teixeira Lopes, doutorado em sociologia também na FLUP, em 1999,

e quando o número de docentes tinha aumentado com o recrutamento de recém-licenciados em sociologia na própria Faculdade, houve condições de número e graduação académica para que a sociologia acesse ao estatuto departamental. Ora, será Carlos Manuel Gonçalves o primeiro a desempenhar essas funções, de 2002 a 2004, e é durante o exercício desse cargo que sobe mais um degrau na carreira académica, para professor associado, em 2003.

A mesma sincronia entre desenvolvimentos institucionais e ações (e decisões) académicas individuais irá continuar a verificar-se, noutras instâncias. Carlos Manuel Gonçalves atingirá o último patamar da carreira, o de professor catedrático, em 2011, tendo-se para isso habilitado com as indispensáveis Provas de Agregação, em 2007. Se havia sido o primeiro doutor em sociologia pela Universidade do Porto e, conseqüentemente, o segundo doutorado na disciplina, em ordem cronológica, do grupo de professores da FLUP, depois do fundador António Teixeira Fernandes, ele será antecedido na chegada a professor associado e a professor catedrático por um colega mais jovem, João Teixeira Lopes, que fez parte dos primeiros contingentes de estudantes admitidos no curso e foi seu aluno.

Esta circunstância de o aluno “ultrapassar” o mestre não é nem uma singularidade das biografias académicas destes dois sociólogos, nem uma circunstância institucional localizada. É, novamente, um padrão mais geral, observável noutras instituições constitutivas do campo sociológico e noutros campos disciplinares em Portugal, padrão que resulta de uma conjugação de fatores. Por um lado, não será errado dizer que as gerações formadas pelos sociólogos da institucionalização, graças ao investimento destes últimos na formação dos seus estudantes, e também pelas melhores condições institucionais que esses estudantes encontraram nas universidades, e ainda porque puderam já beneficiar de alguma acumulação de património de pesquisa e conhecimento sociológico a nível nacional, tiveram uma formação na disciplina mais completa, mais consistente e mais variada do que aqueles que os formaram. Na geração dos fundadores quase ninguém fez licenciatura em sociologia e, na geração seguinte, aqueles que a fizeram logo nos primeiros anos em que tal licenciatura começou a ser oferecida em universidades públicas, nomeadamente no ISCTE, receberam uma formação que, especialmente no plano metodológico e técnico, e de iniciação à pesquisa empírica, foi relativamente limitada. Nesses primeiros anos de ensino da disciplina em

Portugal, como observa judiciosamente o próprio Carlos Manuel Gonçalves, lembrando a sua experiência de estudante, os professores também “estavam em formação” (Gonçalves, 2020). Por outro lado, as gerações imediatamente posteriores às da institucionalização, também pela melhor formação recebida, eram portadoras de sistemas de disposições académicas diferentes e de diferentes posicionamentos relativos às estruturas de oportunidades de progressão na carreira. Por outro lado ainda, é preciso ter em consideração que o próprio esforço de institucionalização inicial, o esforço de desenhar os primeiros cursos, elaborar os primeiros programas e lecioná-los pela primeira vez, montar as primeiras formas de organização institucional e dirigi-las, consumiu tempo e energia que as gerações da institucionalização não puderam aplicar noutras atividades académicas, mais rentáveis dentro do sistema vigente de regras de progressão na carreira, como a prática regular de investigação e conseqüente publicação.

Seja como for, e porque foi um sociólogo da institucionalização, Carlos Manuel Gonçalves virá a assumir novas funções e cargos. Essa assunção acontece enquanto progride nas categorias da carreira e à medida que na própria FLUP a sociologia completa o seu processo de estabelecimento institucional, nomeadamente com a criação, em 2007, do ciclo de estudos de doutoramento em sociologia – ficando assim completa a fileira de oferta formativa na disciplina – e com a plena consolidação do Instituto de Sociologia, que passa a integrar a rede de centros financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), se organiza em grupos de investigação e inclui na sua equipa outros elementos, além dos docentes de carreira do departamento. Carlos Manuel Gonçalves virá a ser diretor do mestrado (2007-2013), coordenador do grupo de investigação “Trabalho, Emprego, Profissões, Organizações” (TEPO) do Instituto de Sociologia (2010-2012, 2015-2016), diretor da revista *Sociologia* (2013-2022) e diretor do doutoramento em sociologia (2014-2023). Fora da FLUP e da Universidade do Porto, a sua senioridade, bem como as áreas de pesquisa em que se especializou, fizeram com que tenha sido membro de comissões de acompanhamento externo de dois centros de investigação do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, o Centro de Investigação e Estudos de Sociologia e o Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, um regresso à casa de partida, e que tenha sido avaliador científico junto da FCT, além de, no plano do

associativismo científico e profissional, ter sido membro da Direção da Associação Portuguesa de Sociologia (1996-1998) e do respetivo Conselho Consultivo (2000-2016).

O estado de institucionalização avançada do campo sociológico em Portugal, para o qual o Porto e a Universidade do Porto deram contributos substanciais, que começam ainda antes da revolução democrática de abril de 1974, mas que se materializam sobretudo depois dessa mudança política libertadora, a um ritmo rápido e sustentado, tal como aconteceu noutras partes e noutras universidades do país, é indissociável da ação dos próprios sociólogos, dentro e fora das instituições universitárias, sobretudo dos sociólogos da geração fundadora e dos da geração seguinte, que esse fundadores ajudaram a formar, em que se inclui Carlos Manuel Gonçalves. O sentido de uma comunidade científica e profissional como a dos sociólogos faz-se das circunstâncias do presente, de projetos coletivos e individuais de muitos tipos para os anos que virão e de uma memória coletiva, que é melhor ser também lúcida e não meramente celebratória, embora a celebração, e a emoção a ela associada, sejam necessárias para a construção e reprodução dessa memória comunitária. Para porem, também, lucidez na sua memória partilhada, a sociologia e os sociólogos podem aplicar a si próprios a reflexividade que colocam no seu trabalho científico e profissional corrente. Este texto tentou fazer esse exercício de memória lúcida e reflexiva – quem o ler dirá se foi bem-sucedido –, a propósito de um colega de geração, um sociólogo da institucionalização, que recentemente encerrou a sua vida académica, mas não, espera-se, a atividade sociológica.

Referências bibliográficas

DIAS, Isabel (2006), “A sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 16.

GONÇALVES, Carlos Manuel (1990), *Construção Social dos Quadros: uma Proposta para a sua Análise*, Tese de Mestrado em Sociologia, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

GONÇALVES, Carlos Manuel (1998), *Emergência e Consolidação dos Economistas em Portugal*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

GONÇALVES, Carlos Manuel (2020), “Entrevista”, realizada no âmbito do projeto *História Audiovisual das Ciências Sociais nos Países da CPLP*, da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas e do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

LOPES, João Teixeira (2006), “A investigação sociológica no Porto: origens e encruzilhadas para o futuro”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 16.

MACHADO, Fernando Luís (2023), “A sociologia sob observação sócio-histórica: elementos para uma agenda de pesquisa”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 101.

MACHADO, Fernando Luís (2022), *Investigação Sociológica em Portugal. Um Guia Histórico e Analítico*, Porto, Afrontamento.

MACHADO, Fernando Luís (2020), *Sociologia em Portugal. Da Pré-história à Institucionalização Avançada*, Porto, Afrontamento.

Fernando Luís Machado.

Sociólogo, Professor Catedrático do Departamento de Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e investigador do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-ISCTE). Endereço de correspondência: ISCTE-IUL, Avenida das Forças Armadas, 1649-026, Lisboa, Portugal. ORCID ID: 0000-0002-8711-0338

E-mail: fernando.machado@iscte-iul.pt